
EDITORIAL

Nos anos 90, ficou definitiva, para o mundo científico, a idéia do “publique ou pereça”. Por essa ocasião, foram montados sistemas de avaliação dos professores-pesquisadores e sua produtividade passou a ser medida, fundamentalmente, por artigos publicados, avaliados por pares.

Para tanto, foi necessário identificar um corpo de periódicos de qualidade que publicassem os artigos produzidos. E assim, também os periódicos começaram a ser avaliados e classificados por vários critérios.

No sistema de avaliação por pares pretende-se, além da seleção propriamente dita, que o artigo possa ser melhorado, e que seu autor veja seu trabalho, sob outras perspectivas. O índice de impacto dos artigos e o índice HIRSCH dos pesquisadores deveriam ser estímulos à publicação de pesquisa de qualidade.

É sabido que as revistas científicas de qualidade têm altas taxas de rejeição, chegando a mais de 90% dos artigos recebidos (a *Nutrire*, em 2008, chegou a 50% de rejeição dos artigos encaminhados, o que mostra uma possibilidade grande de seleção).

A ordem atual é “publique, seja citado ou pereça”! Para tanto, é necessário que o artigo seja lido e que quem o leu cite seu autor em suas publicações (e conseqüentemente a revista que o publicou). No entanto, é sabido que muitos pesquisadores brasileiros não citam o trabalho brasileiro (apesar de seu mérito científico), mas temos sistematicamente citado - portanto aumentado o impacto - dos periódicos estrangeiros e não dos nossos!

Por outro lado, o impacto dos artigos científicos em revistas brasileiras é baixo porque são publicados em português e porque os artigos (e as revistas) não são citados como poderiam. O outro lado dessa moeda diz respeito aos artigos que são encaminhados em inglês - em mau inglês, para os periódicos estrangeiros. Tais artigos frequentemente são rejeitados nas avaliações por pares porque o idioma é uma enorme barreira para sua publicação (sobre esse tema, é muito elucidativo o artigo de Fabrício Marques, A BARREIRA DO IDIOMA, Revista FAPESP, ago 2009).

Tem-se exigido cada vez mais, dos pós-graduandos, o domínio da língua inglesa. Muitas vezes, sem resultados satisfatórios, por tratar-se de um conhecimento obtido às pressas e apenas tardiamente.

No entanto, é de se supor que seria mais produtivo estimular neles o desenvolvimento de atividades que envolvessem a escrita e o exercício do pensamento científico no próprio idioma português. E depois traduzir o texto resultante, trabalhando em conjunto com um excelente tradutor.

Célia Colli
Editora Científica